

“UMA ANÁLISE DO FILME ZOOTOPIA: ESSA CIDADE É O BICHO, A PARTIR DOS TEMAS TRANSVERSAIS DOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS”.

Alydiane Martins de Araújo; Valéria de Araújo Lima; Senyra Martins Cavalcanti.

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – alydianemartins@gmail.com

RESUMO:

O presente artigo refere-se de um projeto didático-pedagógico compreendido como ação do projeto de extensão intitulado: “Cinema e educação histórica no ensino”, o qual tem por objetivo, discutir o lugar da imagem como recurso didático-pedagógico no ensino fundamental articulando as imagens veiculadas por filmes animados na formação de identidades e na difusão de valores sobre diversas perspectivas, apresentando o filme como ferramenta no processo de ensino-aprendizagem e o cinema como recurso didático. A metodologia utilizada consiste em uma perspectiva qualitativa, sequenciada, iniciando com a apresentação do projeto, exibição do filme, seguido da discussão acerca da figura feminina representada no filme com o intuito de envolver os alunos na temática, e por fim, uma proposta de atividade foi desenvolvida, para observar tanto o desempenho do aluno, quanto sua compreensão acerca da temática. A análise foi realizada com a escolha do filme: “Zootopia: essa cidade é o bicho” (dir. Byron Howard, Jared Bush, Rich Moore, 2016), a partir da temática Orientação Sexual, focando nas relações de gênero, inserida nos Temas Transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s). Sabe-se que os filmes de animação em sua maioria trazem em seu enredo a figura feminina com uma história de vida pré-determinada, utilizando princesas como protagonistas. O filme supracitado, do *Wat Disney Animation Studio* quebra esse paradigma que perpetuou por muito tempo em suas obras, apresentando uma narrativa fílmica sem a presença de príncipes, princesas ou quaisquer membros de realeza e, apresenta a superação de preconceito e discriminação da protagonista para conseguir realizar o seu sonho.

Palavras-chave: REPRESENTAÇÃO FEMININA, ANIMAÇÃO, PROJETO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO, ZOOTOPIA, PCN’s.

INTRODUÇÃO

O presente artigo refere-se de um projeto didático-pedagógico compreendido como ação do projeto de extensão intitulado: “Cinema de animação e educação na perspectiva da transversalidade do conhecimento” o qual tem por objetivo, discutir o lugar da imagem como recurso didático-pedagógico no ensino fundamental articulando as imagens veiculadas por filmes animados na formação de identidades e na difusão de valores sobre diversas perspectivas, apresentando o filme como ferramenta no processo de ensino-aprendizagem e o cinema como recurso didático. De natureza qualitativa, de intervenção, utilizou-se como instrumento de análise o filme, norteadas pelo tema transversal: Orientação Sexual focando nas relações de gênero dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s. O referido artigo objetiva discutir a figura feminina apresentada no filme “Zootopia: essa cidade é o bicho” (dir. Byron Howard, Jared Bush, Rich Moore, 2016), através de uma reflexão acerca da utilização do cinema em sala de aula, como recurso didático, bem como investigar o que os PCN’s propõe para a temática e a partir dele analisar de forma sintética o filme supracitado.

METODOLOGIA

Configura-se como de natureza qualitativa, do tipo intervenção, por se tratar de uma ação didático-pedagógica e utilizar o filme como instrumento para análise.

De acordo com Manuela Patrícia *apud* Cf. Vanoye, 1994,

“Analisar um filme é sinónimo de decompor esse mesmo filme. [...] descrever e, em seguida, estabelecer e compreender as relações entre esses elementos decompostos, ou seja, interpretar”.

Desta forma, faz-se necessário desunir os elementos contidos no filme, interpretar/identificar para então articular os mesmos.

Para a construção do presente artigo, foi necessário fazer um levantamento bibliográfico acerca da utilização do cinema como recurso pedagógico, consultando autores como: Fantin, Duarte (2002), Napolitano (2003), Louro (2008) e o tema transversal: Orientação Sexual dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s. Posteriormente, a partir de uma pesquisa exploratória, foi realizada um levantamento de filmes de animação, verificando como a figura feminina vem sendo retratada no filme e por

fim a escolha do filme: “Zootopia: essa cidade é o bicho”.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A utilização do cinema em sala de aula:

Napolitano (2003) nos induz a refletir sobre a necessidade de enxergar o cinema como um meio a ser utilizado em práticas pedagógicas, considerando a sua importância em sala de aula, por apresentar vários aspectos aos quais podem ser explorados de forma que contribua para a atuação docente.

Duarte em seu texto intitulado: *Cinema na Escola in Cinema & Educação* (2002) de modo geral, também nos provoca uma reflexão acerca do uso do cinema no âmbito escolar, destacando a importância de utilizá-lo e reconhecê-lo como arte, refletindo sobre a obra, bem como criticando-a, avaliando-a, assim como é feito com obras literárias, buscando estratégias que contribuam para o desenvolvimento do interesse pelo cinema.

Percebemos que é de suma importância valorizar o cinema enquanto ferramenta no processo de ensino-aprendizagem, pela abrangência de conteúdo em que é apresentado de forma lúdica, facilitando a aprendizagem, sendo como para maioria das pessoas “porta de acesso a conhecimento e informações que não se esgotam neles” (p.89).

O tema transversal: Orientação Sexual dos PCN’s:

O projeto didático-pedagógico de intervenção foi elaborado para executar em turmas do 6º ano do ensino fundamental, em uma Escola da Rede Estadual de Ensino da Cidade de Campina Grande/PB.

Para sua elaboração foi necessário consultar o tema transversal: Orientação Sexual dos PCN’s, focando nas Relações de gênero. Este diz respeito aos eixos norteadores, juntamente com: *corpo: matriz da sexualidade e prevenção de DST’s*.

Compreende-se gênero como: “conjunto de representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos” (p. 321). Pode-se dizer, no entanto, que as noções de “masculino” e “feminino” enquanto gênero advém de uma construção social. Tal concepção tem privilegiado os homens, no sentido da sociedade não oferecer as mesmas oportunidades de inserção social bem como do exercício da cidadania comparado as mulheres. E, apesar das transformações

sociais ocorridas, é perceptível ainda, atos de discriminação quanto ao gênero.

E, neste sentido, faz-se necessário trabalhar as relações de gênero no ensino fundamental a fim de buscar a equidade considerando-a como fundamental no exercício da cidadania, através do reconhecimento das discriminações e preconceitos associados ao gênero.

O tópico: Relação de gênero ainda traz que:

“O trabalho sobre relações de gênero tem como propósito combater relações autoritárias, questionar a rigidez dos padrões de conduta estabelecidos para homens e mulheres e apontar para sua transformação.” (p. 322).

Sabemos que práticas dicotomizadoras quanto ao comportamento de “meninos” e “meninas” são transmitidos desde criança através de brincadeiras e comportamentos preestabelecidos, como por exemplo, meninos brincam de carrinhos e bonecos, lutas e bola, e possuem mais liberdade quanto as suas escolhas, enquanto as meninas são destinadas brincadeiras voltadas ao cuidado e proteção, casinha, “mãe e filha” etc, e são mais protegidas pelos pais. Por este motivo, precisa-se flexibilizar os padrões, vivendo as diferenças a partir da singularidade. A proposta do projeto, no entanto, é contribuir para que as noções de “feminino” e “masculino” sejam refletidos, desmistificando a noção de “sexo frágil” e valorizando o respeito as diferenças.

Resumo do filme: “Zootopia: essa cidade é o bicho (2016)”

O filme sob o título: “Zootopia: essa cidade é o bicho” (dir. Byron Howard, Jared Bush, Rich Moore, 2016), apresenta em seu enredo a história de uma coelha moradora da zona rural, filha de pais agricultores, a qual sonha em ser policial no Departamento Policial de uma Cidade vizinha chamada *Zootopia*. Ao mudar-se para “megalópode”, formada por “bairros-habitat”, onde abrigam diversos animais de diferentes espécies, Judy Hopps (personagem principal e representada pela voz de Monica Iozzi), logo descobre que ser a primeira policial feminina dentro de uma equipe formada por animais fortes, grandes, não será nada fácil. Porém determinada, a mesma encara a aventura de forma divertida, ao lado do malandro raposa Nick Wild (voz de Rodrigo Lombardi).

Análise do filme:

Sabe-se que os filmes de animação em sua maioria trazem em seu enredo a figura feminina com uma história de vida pré-determinada, utilizando princesas como protagonistas. O filme supracitado, do *Walt Disney Animation Studio* quebra esse paradigma que perpetuou por muito tempo em suas obras, apresentando uma narrativa fílmica sem a presença de príncipes, princesas ou quaisquer membros de realeza e, apresenta a superação de preconceito e discriminação da protagonista para conseguir realizar o seu sonho.

A sociedade representada no filme é de animais (antropomórficos) e se assemelha a nossa, e estes depois de um período de tempo, atingem a racionalidade e passam a viver em sociedade, distanciando dos instintos pretéritos a fim de viver em uma sociedade pacífica. A mesma aparenta ser adaptada para a diversidade animal, ou seja, uma sociedade evoluída que atende a todos. Esta sociedade estava dividida em presas e predadores e desde então, todos os animais passam a “conviver” deixando de lado o passado, mas, ainda perpetuava o preconceito e a discriminação.

Em *Zootopia* “*you can be whatever you want*” (recorte do filme), desse modo, compreende-se que os animais que ali habitam poderiam desprender-se de suas espécies para realizar seu sonho. A coelha Judy Hopps, porém, tem esta frase como seu mantra e em busca dos seus sonhos, está disposta a enfrentar os obstáculos que surgissem. Seu desejo desde a infância é “fazer do mundo um lugar melhor” (recorte do filme) e, para isto, a protagonista tem o sonho de ingressar no Departamento Policial da cidade vizinha. É perceptível que a representatividade se apresenta fim de quebrar paradigmas e romper esses preconceitos que são fortalecidos pelos próprios pais de Judy Hopps, os quais buscavam explicar que “coelhos não viravam policial”, que apesar de ser um discurso bonito se distanciava da prática. Gideon Grey, uma raposa, subestima a capacidade da coelha com palavras desestimulantes, firmando os estereótipos do filme. Já no campo de treinamento a mesma encara os desafios com animais fortes e grandes e a fiscal em sua fala afirma que a mesma não irá conseguir. Vale destacar, que há ainda um projeto de inclusão de mamíferos no Departamento, que destinavam-se a raças menores. Determinada, a mesma com muito esforço consegue ingressar no Departamento Policial, utilizando cada palavra dita pelos que não acreditavam em sua capacidade, como motivação. Porém, assumir o cargo não seria o grande desafio, mas este estava por vir.

No decorrer da trama, Judy Hopps se depara com várias situações de discriminação. Em várias cenas são apresentadas a reafirmação do preconceito dos pais de Hopps. Uma das cenas que pode ser destacada, é quando a mesma exerce uma função que socialmente, não foi designada a mesma, mesmo ela ingressando no Departamento, e lhes são atribuídos 48h para resolução do caso, enquanto os outros policiais estavam no caso a 10 dias. Outra cena é quando a policial é colocada para assumir o cargo de guarda de trânsito, o qual exigiria de si um esforço mínimo.

Ao relacionarmos com a nossa sociedade, percebemos que a policial coelha representa a mulher atual, a qual através de lutas vem conquistando seu espaço na sociedade, distanciando-se dos padrões estabelecidos pela mesma. Busca-se uma equidade de oportunidades que por muitas vezes são incompreendidas, classificando o sexo feminino como “sexo frágil”. Entretanto, é notável em uma sociedade dita “evoluída” apresenta discriminações quanto ao gênero, bem como o tratamento diferenciado dentro de empresas.

Ao olharmos a nossa história, percebemos que as poucas conquistas foram em decorrência de lutas de grupos minoritários subordinados, que lutaram por seus direitos. Às mulheres só caberiam tarefas domésticas, além da submissão ao homem. Trabalhar? Pra quê? “Mulher foi feita para cuidar da casa”. Ideias reproduzidas por gerações e que torna um desafio para aquelas que buscam a equidade. Na família, não tinham a liberdade de escolha, o trabalho não lhes caberiam pois não tinham forças para exercê-los, afinal, a mulher é frágil. Padrões comportamentais propagados pela burguesia controlavam a vida das pessoas, ditando o “certo e errado”, o que a mulher seria capaz de fazer e o que não, como deveria se vestir, o que comer, como se portar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As concepções de gênero e sexualidade são construções históricas as quais são empreendidas por meio de instancias culturais e sociais de forma explícita ou dissimulado dentro de um processo contínuo, inacabado. Desta forma, buscamos compreender as concepções de gênero dentro do embate cultural na contemporaneidade, fazendo necessário enxergar as concepções de normalidade e anormalidade, a partir dos significados lhes atribuído.

O foco deste trabalho foi a representação feminina no filme supracitado. Desta forma, nas pesquisas realizadas, observamos que o

entendimento acerca do que seria mulher vai além do biológico, mas adentram em comportamentos, gestos, preferencias, que lhes são ensinados cotidianamente dentro de normas e padrões estabelecidos por uma dada cultura. Vale ressaltar, que mudanças ocorreram de tempos atrás para hodiernamente, porém, ainda é perceptível atos preconceituosos e discriminadores quanto a visão de mulher e o seu papel na sociedade.

Sabe-se também, que a mídia influencia bastante na construção da identidade do sujeito e da sua compreensão de mundo. Neste sentido, a construção de gênero especificamente, foi norteada por instâncias importantes: igreja, família, escola, e instâncias médicas, por exemplo, as quais incutiram na sociedade padrões de comportamentos, bem como através da mídia, e nela incluem novelas, filmes, revistas, internet, músicas e afins. Vivemos norteados por orientações, ordens, as quais nos fazem ser controlados. O modo de se vestir, andar, o que comer, formas de conquistar, como ir a entrevista de emprego, conselhos de moda, alimentação para ter o “corpo dos sonhos”, etc, são falas comuns de especialistas que influenciam no nosso modo de viver.

Entretanto, transformações são ocorridas a partir de uma série de lutas protagonizadas por grupos minoritários que enxergavam outros modos de viver, fugindo daqueles preestabelecidos, iniciando assim, a luta pelos direitos. Lutas estas que por sua vez passaram por estratégias que pudessem ter acesso ao controle, como por exemplo, a mídia.

A busca pelo reconhecimento induziu os grupos subordinados a difundir a ideia de normalidade, pois é disto que se trata. A norma como traz Foucault, trata-se de um princípio de comparação, o qual tem relação com o poder, mas não utiliza-se da força em si, mas propaga de forma implícita. Podemos dizer que, a “norma”, ou a concepção de “normal” não emana de um único lugar, mas, se faz presente em toda parte, quando temos algo como referência. E diferenciar dessa referência era o desafio.

No entanto, o presente artigo buscou de forma sintética apresentar como a figura feminina vem sendo representada no filme de animação: “Zootopia: essa cidade é o bicho” (dir. Byron Howard, Jared Bush, Rich Moore, 2016). É perceptível que a temática aos poucos vem sendo emanada através da mídia e, por sua vez, vem sendo motivo de crítica por pessoas antiquadas. Vale destacar também que a temática vem sendo pauta de discussões acerca do seu trabalho em salas de aula.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MECSEF, 1998.

DUARTE, Rosália. Cinema na Escola. *In: Cinema e Educação*. Belo Horizonte: Autentica, 2002. (Temas e Educação, 3) (p. 85-96).

FANTIN, Monica. **Cinema e imaginário infantil: a mediação entre o visível e o invisível**. Educação e Realidade, 2009. (p. 205-223).

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-posições*, v. 19, n. 2 (56). Maio/agosto. 2008.

NAPOLITANO, Marcos. O cinema e a escola. *In: Como usar o cinema na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2003. (p. 11-37).